

# Comissão alerta contra o cólera

Nos últimos 30 anos, 99 países apresentaram casos de cólera, embora não tenha sido caracterizada nenhuma situação de epidemia. O vibrião colérico — parasita transmissor da doença —, encontrado atualmente no Peru, é do mesmo tipo apresentado na Índia e leva à conclusão de que, embora lentamente, o vibrião caminha longas distâncias. São esses os dois maiores motivos de preocupação da Comissão de Prevenção e Controle do Cólera no DF, que está centralizando seus trabalhos basicamente em campanhas educativas, definição de áreas e treinamento de pessoas para atuarem caso a doença chegue ao DF.

Há uma semana, representantes da comissão — formada por diretores do Departamento de Saúde Pública, Instituto de Saúde, Defesa Civil e Caesb — estão distribuindo um boletim informativo sobre o que a comunidade deve saber sobre cólera, contendo noções sobre a doença, formas de transmissão e medidas preventivas. O trabalho de orientação à comunidade visa ainda palestras, vídeos e orientações mais diretas dirigidas à população carente de saneamento básico. “Este é o momento de intensificar a educação”, disse o diretor do

Departamento de Fiscalização da Saúde, Gilberto Amado.

O laboratório do Instituto de Saúde vai funcionar como centro de referência para diagnósticos na região Centro-Oeste. Os hospitais regionais de Taguatinga, Brazlândia, Gama e Planaltina terão área definida e equipe multiprofissional treinada para atender os casos de cólera. “Os profissionais, assim como os membros da comissão, não têm nenhuma experiência com a doença. Por isso, quanto mais preparados estivermos de prevenção e prática de tratamento, melhor”, disse Amado. Segundo ele, a escolha destes hospitais está ligada ao fato de se localizarem nas portas de entradas para Brasília. Assim, o objetivo é confinar a doença, evitando a sua propagação.

A Caesb já iniciou o tratamento preventivo com relação à introdução de maior quantidade de cloro — bactericida — à água. A comissão determinou ainda o controle dos passageiros que entram no DF, principalmente os que vêm de estados de fronteira com o Peru. O trabalho está sendo realizado em conjunto com a Inspeção de Saúde de Portos e Aeroportos do Ministério da Saúde e da Polícia Rodoviária;

em casos de passageiros vindos de ônibus ou trem.

## Sintoma

O risco de transmissão da doença só ocorre nos primeiros cinco dias em que o portador do vibrião é infestado, mas o problema maior é que apenas 20% a 30% das pessoas apresentam manifestação aguda, ou seja, uma diarreia inconfundível, uma vez que ocorre de 20 a 100 evacuações diárias líquidas. Nos demais casos a manifestação ocorre através de uma diarreia comum, que pode ser tratada como outra qualquer. “Muitas vezes a pessoa nem fica sabendo que teve a doença”, disse Amado.

Na ausência de tratamento adequado, logo aparecem sinais de desidratação e a morte ocorre em aproximadamente 60% dos casos. Com o tratamento — reidratação maciça e antibióticos — a mortalidade se reduz a 1%, segundo dados da Organização Mundial de Saúde. As medidas preventivas incluem o tratamento sanitário das fezes e a purificação da água, a pasteurização do leite e o combate às moscas. Em casos de epidemia, as medidas preventivas se intensificam e incluem a vacinação, embora de eficácia limitada. (G.F.)